



Educando pela poesia

O MAR NA PAREDE

Vi em revistas velhas
Um mar que já existiu
Nas cores azul, verde e esmeralda.
Com praias lindas e pessoas bronzeadas
Questionei, indaguei...
Meu pai já não se lembrava
Meu vizinho nunca viu
Meu avô envergonhou-se.
Pinteí então um mar na parede do meu quarto
Meu pai recordou-se
Meu vizinho admirou-se
Meu avô nem no quarto passou.

PARDAIS, AZULÃO E PÃO MOLHADO.

De gota em gota

A chuva molhava o pão

Proposital a maneira e o lugar no terreiro Encharcado,
amanhecido e sublime aos pardais. Estes levavam
grandes pedaços

Nos bicos e bicavam-se por migalhas

De repente, desceu um Azulão

Sério, elegante e de maneiras finas.

Com gestos delicados fartava-se limpando

O bico em um vai e vem sob as penas

Era de um azul tão intenso que intimidava

As gotas de chuva.

Envergonhadas, deslizavam-se sobre as penas e
morriam rapidamente sobre o solo

"Saudade curtida"

A fumaça curtia

A carne sobre o fogão a lenha

Panelas pretas de barro

Exalavam doçuras e lembranças

O atado de madeira era adequado

Um varal de peixes e linguiças

Como galhardetes sobre as labaredas

Tudo tinha aroma e gosto defumado

Inclusive a certeza

De que o hoje seria saudade

“Campânula de vidro”

O que aviar quando o coração dói?

Não é dor que remédio cure

Tampouco médico atenua.

Dor de saudade.

Memória de alguém que está!

Indivíduo que não foi

Deixa lacunas na presença.

Longitude contígua

Quase uma campânula de vidro

Que se quer acomodar a dor

Como um objeto masoquista.

“O sertanejo”

Meus olhos são semiáridos
Assuetude de não chorar
Recuso baixa pluviosidade
Fissuras no solo do corpo seco
Acastelam minha existência
Entretanto sou forte
Da cor do barro
Sou facheiro
Proteína e fibra
Cresço em formato de Arbusto
Carnoso, armado em espinhos.
Agudos não são meus gritos
Nem emigro em Cândido
Pois sou sertanejo, Sertões de Euclides.
Guarita demorada até a vindoura precipitação.

“Chimarrear a saudade”

Nada como uma saudade atrás da outra

E entre elas a cuia e a erva

Chimarreando sem se importar com o “ronco” no fim do mate.

Os livros e duas ou três viagens à Vacaria

Não me permitiria mais do que dar qualidade a algumas palavras

E referendar o Sul serrano.

Sem compromisso tampouco aprofundamento.

Porém, estive aqui pelo Sudeste a melhor brisa dos campos sulinos.

Que quando partiu em busca da querência

Deixou-nos um rastro de bem querer, fandangos e tertúlia.

Segui-lo agora se torna simples Como simples é essa saudade.

“Herança colonial”

Sou latino.

Um vira-lata nas ruas da América do Sul.

Como um louco cão que diz não ao antirrábico de agosto

Sem nome e sem dono

Babo em línguas aos pés de um Primeiro Mundo

Sarna e pulgas me governam.

Tiraram-me a casa

A comida

E a vontade de latir.

“Amnésia”

Em dias de prova já vi gente serrar os lábios entre os dentes e quando a língua alcançava o céu da boca sussurrava:

-Malditaaa!

-Quem?

-A prova!

-Tá fácil!

-Tá nada, passa cola.

-Não dá!

-Dá sim, preciso de nove.

-Ok escreverei na borracha

-Não, tá manjado!

-Na régua?

-Nãããooooo

-Então não vou dar cola.

-Maldita!

-Quem, eu?

-Não a língua portuguesa.

-É

-Maldita!

-A língua, espero

-Não, a portuguesa!

-Que portuguesa?

-Aquela da cantina, ficou com o meu troco.

-Já estou na quarta questão.

-Nem comecei a primeira, passa cola.

“Algo a Dizer”

-Não dá!

-Dá sim!

-Como, papelzinho?

Fico à janela entre cortinas, olhando a rua...

-Não, tá manjado!

Eu queria dizer algo!

-Já estou na última questão.

Algo que fizesse pensar meu pai

-Meu Deus passa cola rápido!

E meu pai fizesse pensar meu vizinho

-Vou colocar as respostas na caneta!

Meu vizinho fizesse pensar minha rua

-Não, ela vai perceber

Minha rua, meu bairro.

-Então sinto muito, vou entregar minha prova.

O bairro, a cidade.

-Maldita!

A cidade, o estado

-Quem, a língua, a prova, a professora ou a

O estado, outros estados.

portuguesa?

E todos fizessem pensar um país

-Você sua desgraçada!

E o país, mudasse o pensar.

Porém, não digo nada!

Acovardado, escondo-me entre as cortinas.

“Catapora”

A cama farta

A manta não cobria

O prato quente

A fome não ardia

Termômetro

Remédios

Solidão...

Uma bolinha

Duas bolinhas...

Pronto: -Bom dia senhora catapora.

“A quadrilha de Drummond virou calote”

João que devia

Teresa que devia Raimundo

Que devia Maria

Que devia Joaquim

Que devia Lili que não devia ninguém

Para quitar as dívidas

João foi para os Estados Unidos juntar dinheiro entregando pizza.

Teresa é diarista em um convento.

Raimundo morreu na fila do banco onde pleiteava um empréstimo

Maria ficou para titia com o objetivo de deixar as dívidas como herança aos sobrinhos

Joaquim suicidou-se, escrevendo o motivo nas costas do holerite.

E Lili casou-se com o agiota que não tinha entrado na história.

“Cora Coralina”

Corado

Deixei de lado Drummond por um momento Entreguei
sem confronto o minifúndio

Representado pela cabeceira da cama

Onde repousa agora a poesia de Goiás

E o sabor do Cerrado

Toda noite caio nos braços de Cora

E Coralino-me!

“A mãe paciente”

Não sou de uma família de leitores

Mesmo tendo a casa abarrotada de livros

Os mesmos só enfeitavam as estantes

Coloridas enciclopédias representavam bibelôs

Que com esmero eram delicadamente espanados pela matriarca

Depositando ali os anseios de tornar o filho doutor Fui crescendo em meio as estantes que se mantinham imaculadas

Às vezes tirava um dos livros do lugar sagrado Apenas com a intenção de ver brilhar os olhos da minha mãe Esses irradiavam tanta felicidade que iluminava a sala

Deixando as estantes antagonistas em simples prateleiras.

O beijo na testa e o cafuné indicavam sua aprovação. Nem sabia o que estava lendo bastava-me apenas o afago da mãe.

E como tal, tinha a paciência dos sábios, esperava...

Até que um dia o gosto pela leitura tornou-se público.

O mundo abriu-se em possibilidades

E eu virei doutor!

“O Século XVIII em Gigabyte”

O século das luzes com suas revoluções

Mudanças, ideais e racionalidade.

Copilavam-se em enciclopédias

Distribuídas entre as estantes das casas de todos os meus vizinhos

Os da parte setentrional ficavam com os clássicos

Pequenas prateleiras satisfaziam os do sul

Se empilhadas atingiam a estratosfera

Hoje toda a literatura sobre o iluminismo

Das novas descobertas da ciência

Até a teoria da gravitação universal

Passando pelo espírito do relativismo cultural

Cabe em um pen drive

Às vezes me sinto aterrorizado com tanta tecnologia.

“Em dia de prova, amnésia”

Alunos amnésicos Avaliações prévias

Equação difícil de resolver.

Criam-se códigos e signos.

Jargão tão rapidamente codificado.

Que o mestre se engana em perceber

Sugerindo técnicas que divergem

Da logística criada no período que antecede a prova

Uns usam piscar de cílios

Outros estalar de dedos

Até pigarro aparece...

Mas aquelas linguetas de papel com letras

minúsculas

Tão clássicas e ainda usuais insistem em se manter

Na cultura da cola.

“O preço da excelência”

As melhores poesias já escritas por mim, esse
despretensioso poeta

Ainda hoje definha em pergaminhos e folhas que se
amarelam

Entre os quatro cantos escuros da casa

Essas, nunca serão publicadas.

Devem honrar o nosso pacto

Que acordado

Deixar-se-iam perde-se na escuridão

E assim manter sua primazia.

“Negro João”

Um bar

Um copo

Um corpo caído no chão

No bolso o RG e a certidão

Quem foi que matou o João?

Não era da Silva nem das Dores

Era da Conceição.

Mulata que sambava no morro

Sem saber que perdera seu “homi”

O “nego” João.

“Uma preocupação a mais do professor”

Tenho alguns vícios
Os mais preocupantes
São os de linguagem
Esses quando expostos
Podem ferir o entendimento,
Idealizar o erro
Subjugar o acadêmico.
E eu por escolha da profissão
Sem nenhum sacrifício
Devo tornar sagrado o ofício
Do formador de opinião.

“Mal necessário”

Primeiro vem a paixão.

A paixão é o estágio mais doce entre a cegueira e a submissão.

Depois vem o amor

Ah o amor...

O amor cria a possibilidade de um novo olhar

E a dignidade de retomar a consciência.

“Meu modo verbal”

Sou imperativo

Exijo Mando

Sou pessoas

Sou o mundo

Sou tangente...

Tanta gente

Sou eu mesmo

Sou você

Sou Silva

Sou Santos

Sou Fernandes

Sou tão pouco

Sou sobras

Às vezes sombras

Sou pequeno

Sou frágil Invisível!

E tão contraditoriamente

Autoritário.

“Morrer pela boca”

Queria tanto morrer pela boca
Através de gargalhadas e sorrisos
Sair correndo, gritando.
Berrando se possível
Não ser mais nada além da boca.
E dessa boca Sair apenas palavras de consolo
Que agrega
Ou compartilha
Uma boca grande, cheia de dentes.
Uma língua saudável e vermelha
E um beijo quente!

“Usucapião”

Eu tenho um mundo falando e gritando dentro da
minha cabeça

Às vezes fico imaginando como atender pedidos e
anseios de tanta gente

Outras vezes a preocupação é quanto à usucapião.
Já que essas pessoas se apropriaram de todo meu
território cerebral

Expulsá-las agora, só judicialmente!

“Elvira Alvarez”

Minha avó, imigrante espanhola.

Trouxe na bagagem

Muita personalidade,

Trinta e dois dentes branquinhos, branquinhos.

E uma língua que se negava a falar outra língua que
não a sua.

Quanto aos dentes,

Morreu com apenas um

E uma vontade imensa de retornar.

“A Menina dos olhos”

Meu pai se foi quando eu tinha dois anos.

Dizem que foi para o céu.

Deixou-me de herança o olhar

Sabe aquela pessoa que com apenas um olhar

Exige.

Corrige.

Educa.

E acaricia...

Minha mãe também era assim! E nesse olhar materno a menina dos olhos da minha mãe

Refletia o olhar do meu pai.

“Compostagem do pior”

Passam muitas pessoas pela minha vida

Eu roubo delas descaradamente

Tudo do que elas trazem de melhor

E o que tem de pior, eu escondo.

Até que o furto envelhece e deixa de ter

O mesmo significado que tinha no ato do esconder!

“Cada qual no seu cada qual”

Ah, se eu tivesse a beleza dos dezoito anos

A pele dos dezoito anos

A virilidade dos dezoito anos

O olhar dos dezoito anos

A irresponsabilidade dos dezoito anos

A despreensão dos dezoito anos

Porém com a sabedoria dos cinquenta...

Nossa, que coisa chata. Provavelmente estaria sozinho!

“O exposto”

Você viu o meu diário?

Você leu o meu diário?

Tem tanta coisa escrita lá

Tem garranchos

Tem lembretes

Tem um Eu que nem sempre você recolhesse

Eu preciso desse diário!

Eu preciso reler esse diário!

Eu preciso esconder esse diário!

Para que aquele meu

Eu Que só compartilhei no diário

Não se exponha

Não se dispa da blindagem

Não se torne vulnerável.

“Simplicidade”

O bom da poesia é sofisticar

A palavra que foi dita e a que ainda não foi

Dar forma elegante às Ideias ou conceitos

E do feijão com arroz

Fazer um prato de excessiva sutileza.

"A partir de agora, esqueço a blindagem e me entrego ao julgamento" - Um pouco da minha poesia: